



A IMAGEM CORPORAL DA MULHER MASTECTOMIZADA QUE PARTICIPA DO GRUPO MAMA VIDA

THE BODY IMAGE OF WOMEN WITH MASTECTOMIES THAT PARTICIPATES IN THE GROUP MAMA LIFE

LA IMAGEN CORPORAL DE LAS MUJERES CON MASTECTOMÍAS PARTICIPANTES DEL GRUPO MAMA VIDA

Inajara Mirapallete Canieles¹, Rosani Manfrin Muniz², Sonia Maria Könzgen Meincke³, Simone Coelho Amestoy⁴, Lenicia Cruz Soares⁵

RESUMO

Objetivo: conhecer a percepção da mulher mastectomizada participante do grupo Mama Vida sobre a sua imagem corporal. **Método:** estudo qualitativo, descritivo e exploratório realizado com cinco mulheres mastectomizadas do grupo Mama Vida, localizado em Pelotas/RS, Sul do Brasil. Os dados foram constituídos no mês novembro de 2009 por meio de entrevistas semiestruturadas e analisados por meio da Análise de Conteúdo. Este estudo obteve aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, Protocolo 38/2009. **Resultados:** após análise das entrevistas, emergiram dois temas: << *Mudanças na vida da mulher após o câncer de mama* >> e << *A percepção de imagem corporal para as mulheres do grupo Mama Vida* >>. **Conclusão:** a importância do grupo na superação, perante a sobrevivência ao câncer de mama; assim, este espaço se faz necessário para auxiliá-las na construção de uma imagem corporal satisfatória e na adesão de hábitos de vida mais saudáveis. **Descritores:** Neoplasias da Mama; Grupos de Autoajuda; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: recognizing the perception in women with mastectomies members of the group Mama Life about their body image. **Method:** a qualitative, descriptive and exploratory study carried out with five women of the group Mama Life located in Pelotas/RS, Southern Brazil, who underwent mastectomy. The data were recorded in November 2009 through semi-structured interviews and analyzed by Content Analysis. This study had the research project approved by the Research Ethics Committee, Protocol 38/2009. **Results:** after analysis of the interviews, two themes emerged: << *Changes in women's life after breast cancer* >> and << *The perception of body image by women from the group Mama Life* >>. **Conclusion:** the importance of the group to overcoming, given the survival to breast cancer; so this space is needed to assist them in building a satisfactory body image and for accession to healthier living habits. **Descriptors:** Breast Neoplasms; Self-Help Groups; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: conocer la percepción de las mujeres mastectomizadas miembros del grupo Mama Vida acerca de su imagen corporal. **Método:** un estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio realizado con cinco mujeres mastectomizadas del grupo Mama Vida ubicado en Pelotas/RS, Sur de Brasil. Los datos se registraron en el mes noviembre de 2009 a través de entrevistas semi-estructuradas y analizados por Análisis de Contenido. Este estudio tuvo el proyecto aprobado por el Comité de Ética en la Investigación, el Protocolo 38/2009. **Resultados:** tras el análisis de las entrevistas, emergieron dos temas: << *Los cambios en la vida de una mujer después del cáncer de mama* >> y << *La percepción de la imagen corporal por la mujer del grupo Mama Vida* >>. **Conclusión:** la importancia del grupo para superar, dada la supervivencia al cáncer de mama; por lo que se necesita este espacio para ayudarlas a construir una imagen corporal satisfactoria y para la adhesión de hábitos de vida más saludables. **Descritores:** Neoplasias de la Mama; Grupos de Autoayuda; Enfermería.

¹Enfermeira, Especialista em Enfermagem do Trabalho, Mestranda, Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas/UFPEl. Pelotas (RS), Brasil. E-mail: minajara@yahoo.com.br; ²Enfermeira, Professora Doutora em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas/UFPEl. Pelotas (RS), Brasil. E-mail: romaniz@terra.com.br; ³Professora Doutora em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas/UFPEl. Pelotas (RS), Brasil. E-mail: meinckesmk@gmail.com; ⁴Professora Doutora em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas/UFPEl. Pelotas (RS), Brasil. E-mail: simoneamestoy@hotmail.com; ⁵Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Núcleo de Condições Crônicas e suas Interfaces/NUCCRIN, Universidade Federal de Pelotas/UFPEl. Pelotas (RS), Brasil. E-mail: lenicia.soares@gmail.com

INTRODUÇÃO

A imagem corporal pode ser definida como as percepções de cada indivíduo, seus pensamentos, sentimentos, bem como as suas experiências. Trata-se, portanto, de uma questão subjetiva. Ela é, constantemente, determinada e influenciada socialmente, assim, sofrendo modificações contínuas.¹ Nesta conjuntura, o impacto da mastectomia afeta o aspecto psicossocial das pessoas, em especial as mulheres mastectomizadas, devido a necessidade de adaptação à mudanças na imagem corporal e ao preconceito.^{2,3} A identidade feminina é invadida, em muitos casos, em suas dimensões mais íntimas, seja pela queda dos cabelos ou a retirada da mama, os quais constituem sinônimos corpóreos da beleza.⁴

A neoplasia maligna de mama é o segundo tipo de câncer mais frequente no mundo e o mais comum entre as mulheres, resultando em 22% de casos novos a cada ano, sendo que a estimativa para o Brasil no ano de 2012 foi de 52.680 casos.⁵

O estudo é relevante em virtude do elevado número de casos de câncer de mama, e por esta razão, necessita ser discutido em todas as esferas da sociedade, desta forma, as pessoas poderão refletir o que significa uma mulher ser portadora de um “mal” que se manifesta exatamente no órgão que a faz sentir feminina.⁶

O reduzido número de publicações brasileiras a respeito da imagem corporal de mulheres com câncer de mama apontam para a relevância de desenvolvimento de pesquisas que tenham como objeto de estudo a experiência da mulher brasileira com câncer de mama em relação à sua imagem corporal, contemplando aspectos socioculturais específicos.⁷

Frente a esta realidade existe no município de Pelotas, localizado no Estado do Rio Grande do Sul, um grupo denominado Mama Vida cujo objetivo é levar conhecimentos acerca do câncer de mama a toda a comunidade, com a promoção de campanhas educativas e preventivas desta doença, além de disponibilizar suporte para as mulheres que são diagnosticadas com esta enfermidade.

O grupo Mama Vida trabalha na perspectiva da integralidade uma vez que neste espaço, as participantes trocam experiências de vida com outras que já vivenciaram o câncer de mama e como lidaram com essa situação, também expõem seus medos, angústias e inseguranças.

Diante das considerações expostas, objetiva-se:

Conhecer a percepção da mulher mastectomizada, que participa do grupo Mama Vida, sobre a sua imagem corporal.

MÉTODO

Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso << **A imagem corporal da mulher mastectomizada que participa do grupo Mama Vida** >> apresentado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Pelotas - RS, Brasil. 2009.

Estudo qualitativo, descritivo e exploratório. Foi realizado no grupo de apoio a mulheres com câncer de mama, Mama Vida, localizado no município de Pelotas, Rio Grande do Sul. O referido grupo era composto por 15 mulheres de idades variadas, religiões, classes sociais e com diferentes tempos de diagnóstico.

Este espaço foi fundado em 23 de dezembro de 1999, sendo caracterizado por ser um grupo de mulheres voluntárias que realizam um trabalho de apoio e solidariedade a vítimas desta doença.

Compuseram a pesquisa cinco mulheres mastectomizadas do grupo de apoio que foram submetidas à mastectomia parcial ou total. Foram obedecidos os seguintes critérios de inclusão: ter mais de 18 anos; ter realizado mastectomia (parcial ou radical); participar do grupo Mama; e concordar com a divulgação dos resultados nos meios acadêmicos, respeitando-se os princípios éticos conforme prevê a Resolução n°196/96, do Conselho Nacional de Saúde/CNS.⁸

Para a construção dos dados optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, as quais foram obtidas em novembro de 2009. Foram realizadas entrevistas grupais, que consistem em uma abordagem coletiva de grupos sociais atingidos por determinada situações.⁹ Com o intuito de preservar o anonimato, as participantes foram identificadas pela letra “M”, significando a palavra mulher acrescida da idade, por exemplo, M65. As informações coletadas durante as entrevistas foram gravadas, transcritas, interpretadas e analisadas por meio da Análise de Conteúdo¹⁰, emergindo dois temas: Mudanças na vida da mulher após o câncer de mama e A percepção de imagem corporal para as mulheres do grupo Mama Vida.

Destaca-se que o estudo obteve aprovação do projeto de pesquisa do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Enfermagem da UFPel, sob o número do Parecer 38/2009.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar o perfil dos sujeitos identificou-se que o tempo de diagnóstico da doença variou entre dois a 12 anos; sobre o tratamento percebe-se que três destas mulheres realizaram mastectomia parcial e duas delas mastectomia radical, sendo que todas realizaram radioterapia e quatro realizaram quimioterapia. Quanto ao estado civil três eram casadas, uma divorciada e uma viúva. Já em relação à faixa etária esta apresentou uma variação entre 53 anos a 71 anos de idade.

Na sequência serão apresentados os temas emergidos no estudo.

♦ Mudanças na vida da mulher após o câncer de mama

A mastectomia consiste em um procedimento cirúrgico traumatizante, sendo encarada pela mulher, muitas vezes, como uma “castração” de parte do seu corpo - a mama.¹¹ Desse modo, a mulher estará passando por uma grande mudança, vivenciando, assim, um comprometimento físico, emocional e social.

Esta questão é claramente exposta na fala a seguir:

Claro que mudou! Eu estava muito sozinha, tive que lutar muito para vencer essa questão da solidão, do preconceito das pessoas [devido ao câncer e a mastectomia]. (M53)

Percebe-se no depoimento que houve alterações corporais significativas, além do fato do preconceito por ela sofrido decorrente do câncer e/ou das formas de tratamento. Assim, muitas mulheres acabam adquirindo uma vida mais reclusa, a fim de evitar o possível olhar discriminador do próximo.

As mulheres com câncer de mama enfrentam o preconceito de viver com uma doença estigmatizante, porque ainda hoje esta enfermidade tem a conotação de terminalidade. Como resultado do preconceito sofrido, elas sentem-se constrangidas pela falta de uma ou de ambas as mamas, porque a amputação de uma parte do corpo conduz a um estilo de vida diferenciado dos padrões estéticos adotados pela sociedade contemporânea.¹²⁻³

Ter o câncer de mama possibilitou também que as mulheres modificassem a sua auto-percepção, conforme nos revelam as falas:

[...] antes eu vivia muito dedicada para os outros, para cuidar dos outros e não sobrava tempo para cuidar de mim. Agora com tudo isso que aconteceu, eu passei a cuidar mais de mim e da minha alimentação. Então a

influência é positiva [...] e saber que eu tenho limitações. (M53)

Mudou para melhor [...] nunca me lembro que tive câncer, eu só me lembro quando falo [...] fiz a cirurgia e a radioterapia. A minha mama ficou dura uns cinco anos, parecia uma pedra, hoje está tudo normal. (M71)

Verificam-se as mudanças produzidas pelo câncer de mama na vida das mulheres, pois devido esta enfermidade elas passaram a apresentar um estilo de vida mais saudável e aumentaram a preocupação e o cuidado com sua própria saúde.¹⁴⁻⁵

É preciso que as representações envolvidas no câncer sejam reformuladas e encaradas de forma positiva, para que ao se defrontar com a doença a mulher consiga compreender que existem tratamentos eficazes e que poderá, possivelmente, manter uma qualidade de vida satisfatória.⁶ Neste sentido as entrevistadas assim se manifestaram:

Eu continuei sempre na mesma coisa, apesar de não ter a mama eu continuei uma vida normal. Eu não deixo de vestir, botar vestido de festa, botar maiô, de ir à praia, participar de tudo com minha família [...]. (M65)

Não me atingiu muito isso aí, porque eu perdi um pedaço da mama [...]. Eu não senti diferença [...] já passou, aquela cicatriz que eu não lembro que tenho. [...] se eu não tocar aqui eu me esqueço que tive câncer. Eu falo assim, como falo em outra doença qualquer. (M69)

[...] tenho muito confiança em Deus em primeiro lugar. Tenho tanta fé em Deus, então eu acho que isso ajuda muito. Tinha um grupo de orações na época [...] pessoas rezavam por mim, pessoas de outras religiões, me visitaram que eu jamais sabia que iam me procurar. (M69)

Os relatos demonstram que as participantes mesmo com a remoção da mama seguiram com suas vidas normalmente, sem que este fato abalasse seu convívio familiar ou social, assim, o câncer foi encarado e tratado de forma mais natural possível.

Após algum tempo de diagnóstico, as mulheres passam a assimilar as consequências da mastectomia e aprendem a conviver com a falta da mama, aceitando seu corpo mutilado. Para tanto, necessitam de uma segurança interior e pensamento positivo em relação à doença para, assim se readaptarem à sua nova condição corporal.¹⁶ Sendo assim, a participação familiar pode contribuir para o enfrentamento do câncer de mama, por meio do estímulo e encorajamento à mulher que convive com este tipo de neoplasia, possibilitando-lhe garantir um ajustamento mais saudável e segurança pessoal à sua nova

condição de saúde, cujas implicações estéticas podem gerar sérias alterações na sua autoimagem.¹¹

Estudo destaca que o afeto familiar traz inúmeros benefícios para a mulher vítima do câncer, pois a faz lutar contra a doença, além de suprir suas carências emocionais e alcançar uma maior aceitação e estabilidade comportamental.¹⁷ Neste contexto, para o enfermo acometido por uma doença crônica como o câncer, na maioria dos casos, a procura vai além da fé, recorrendo a uma ajuda espiritual, seja na hora da dor, da desesperança ou na busca de significados para os eventos de sua vida.¹⁸

As crenças religiosas sobre o processo de doença fazem parte da saúde de um indivíduo. Dessa forma, pessoas acometidas por enfermidades, como as mulheres com câncer de mama, adaptam-se a mudanças inesperadas oriundas do quadro patológico por acreditarem em Deus.¹⁹

As pacientes quando possuem fé, associada à participação de outras pessoas, familiares ou amigos, passando assim a adotar postura, aparentemente, mais forte e segura de si, o que resulta em uma melhor aceitação e superação ao agravo de saúde que enfrentam.

♦ A percepção de imagem corporal para as mulheres do grupo Mama Vida

O câncer de mama é entendido como agente estressor e o processo de remoção da mama como uma mutilação, neste sentido abordou-se a percepção das mulheres submetidas à mastectomia sobre sua imagem corporal.

A gente fica com as cicatrizes do câncer, da cirurgia. [...] A gente não espera. Ficou aqui uma cicatriz no lado, ficou feio, isso é a imagem corporal. É a minha imagem corporal! (M53)

É! Tu vê o teu corpo danificado [...] aí eu só notei diferença naquele vazio que fica. Te olham. É aquele vazio [...] agora eu tenho reconstrução [...] me amo muito, me gosto muito, vou para o espelho e me olho e me apalpo, gosto mesmo parêlo de mim. (M55)

Nestas falas nota-se que para as entrevistadas a imagem foi percebida como danificada após a mastectomia e caracterizou-se por um “vazio” e “cicatriz”. Somente após a reconstrução mamária a auto-imagem passou a ser reconstruída. A imagem antes da cirurgia era diferente, mas aceitável e possível para olhar-se e apalpar-se.

A mulher mastectomizada apresenta alteração abrupta da sua imagem corporal, já que esta é bastante subjetiva e impossível de ser generalizada, pois está relacionada a fatores psicológicos, sociais e culturais.

Para os profissionais de saúde, principalmente a enfermagem, se faz necessário a valorização da problemática que circunda o câncer de mama, seja por meio de ações preventivas, de educação ou de cuidado. A equipe de enfermagem é presença indispensável no processo de recuperação da mulher mastectomizada. Esta promove suporte emocional e informativo sobre os cuidados necessários à reabilitação pós-mastectomia, além de, promover o cuidado de enfermagem por meio do reconhecimento das angústias e receios que circundam esta doença, assegurando conforto físico, emocional e espiritual.²⁰ Somada a esta forma de atuação, o enfermeiro tem a responsabilidade de disponibilizar as informações necessárias a paciente mastectomizada.²¹

Ao serem questionadas sobre o conceito de imagem corporal as mulheres do grupo de apoio Mama Vida assim se pronunciaram:

Eu imagino que seja a aparência externa do meu corpo, estética do corpo, acho que é isso. Imagem corporal eu entendo que seja isso. É aquilo que tu vê por fora [...] então imagem corporal é o externo para mim. (M53)

É aquela parte externa [...]. (M71)

Nos discursos de algumas mulheres percebe-se claramente que para elas imagem corporal está resumida apenas a parte externa do corpo humano, ou seja, compreende o estereótipo daquilo que é visto pelo próximo.

Este fato, provavelmente, deve-se as normas sociais, em relação à construção da feminilidade, as quais determinam que as mulheres devam apresentar mamas belas e saudáveis. Caso contrário, é encarada como fator de discriminação, sendo assim, desvalorizada por não se encontrar dentro dos padrões sociais e/ou culturais de beleza.²² Imagem corporal é entendida de forma distinta por outra participante do estudo, o que pode ser evidenciado claramente no relato:

Acho que imagem corporal é a pessoa em si. O que é por dentro e por fora. (M69)

A percepção da imagem corporal para esta participante do estudo compreende tanto a parte externa (fisiológica), quanto interna do corpo (psicológica) de um indivíduo. Assim, trata-se da representação do corpo físico do ser humano, juntamente com a interferência do seu estado psicológico, social e cultural, incluindo seus sentimentos e emoções. Esta forma de entendimento vai ao encontro do conceito de imagem corporal apresentado na literatura, na qual a imagem corporal de um ser humano é compreendida como sendo uma

construção multidimensional, na qual são amplamente descritas as representações internas e da aparência física, em relação a nós mesmos e aos outros.²³ Desse modo, não significando apenas a aparência física do ser humano, pois nela está incluída também a integridade corporal, ou seja, a percepção do corpo como completo e funcionando inteiramente.²⁴ A mutilação pela extirpação da mama requer incorporação de uma nova imagem corporal. Sendo que, esse novo modo de percepção de seu corpo, por parte das mulheres com câncer de mama, poderá ser influenciado por atitudes do seu próprio companheiro, amigo e/ou família.²⁵

Em um estudo foram comparadas mulheres mastectomizadas com outros grupos que se submeteram a outras técnicas cirúrgicas. Assim, notou-se que o impacto que a cirurgia mamária causa no cotidiano das que se submetem a outras técnicas cirúrgicas. Elas concordaram mais com as assertivas de evitar ir à praia e usar roupas cavadas, além de se isolar mais de amigos do que as mulheres dos outros grupos de comparação.⁷

CONCLUSÃO

A partir do desenvolvimento deste estudo foi possível conhecer a percepção da mulher mastectomizada, que participa do grupo Mama Vida, sobre a sua imagem corporal. Percebe-se que algumas mulheres vivenciaram o câncer de mama como algo positivo, pois as mesmas construíram uma imagem corporal mais satisfatória e desejada, em virtude da realização da reconstrução mamária. Além disso, revelaram ter adquirido melhores hábitos de vida ou então encararam a doença de forma natural como se fosse outra enfermidade qualquer.

No entanto, outras mulheres reagiram de forma oposta, percebendo-se de forma diferente das demais pessoas pelo fato de verem-se mutiladas em decorrência da mastectomia. Sendo assim, esta questão distinta de como ocorre o enfrentamento do câncer de mama pelas mulheres, possivelmente, deve-se as experiências de vida. Nesta conjuntura, cabe salientar a importância do grupo na superação destas mulheres, perante a sobrevivência ao câncer de mama, já que, este espaço se faz necessário para seguirem lutando contra o medo da recidiva, o qual é constante, mesmo porque um acontecimento como o câncer de mama é considerado uma experiência singular na vida de qualquer mulher. Nota-se que o sentimento mais relevante entre as integrantes deste grupo foi o da amizade, o qual nasceu em um momento de desespero e

medo, causado pelo diagnóstico da doença, mas que se perpetuou mesmo com o passar dos anos.

Ressalta-se a necessidade que estudos sejam realizados sob outros enfoques da doença, além da abordagem biomédica, pois há uma grande necessidade de estudos e aprofundamentos em relação ao tema imagem corporal da mulher mastectomizada, já que, para se obter uma compreensão acerca deste assunto, deve-se levar em consideração a mulher como ser humano em sua integralidade.

É preciso que a assistência prestada pelos profissionais de enfermagem considere as questões subjetivas que envolvem a vivência do câncer de mama, a singularidade que cada mulher apresenta, bem como suas necessidades e expectativas, visto que, sentimentos de incerteza e de insegurança tornam-se perceptíveis, e geralmente se prolongam durante o processo de tratamento, reabilitação e readaptação ao meio social, principalmente, quando esta se submete a uma mastectomia.

REFERÊNCIAS

1. Barros DD. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. *Hist Cienc Saude Manguinhos* [Internet]. 2005 [cited 2013 Mar 17];12(2):547-54. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000200020
2. Aureliano WA. "...e Deus criou a mulher": reconstruindo o corpo feminino na experiência do câncer de mama. *Rev Estud Fem* [Internet]. 2009 Jan/Apr [cited 2013 July 15];17(1):154-65. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000100004&lng=pt&nrm=iso
3. Sebastián J, Manos D, Bueno MJ, Mateos N. Imagen corporal y autoestima en mujeres con cáncer de mama participantes en un programa de intervención psicosocial. *Clínica y Salud* [Internet]. 2007 Sept [cited 2013 July 10];18(2):137-61. Available from: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1130-52742007000200002&lng=pt&nrm=iso
4. Comin FS, Santos MA, Souza LV. Vivências e discursos de mulheres mastectomizadas: negociações e desafios do câncer de mama. *Estud psicol* [Internet]. 2009 [cited 2010 Nov 27];14(1):41-50. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v14n1/a06v14n1.pdf>
5. Brasil, Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. Estimativa 2012 : incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro (RJ): Instituto Nacional de Câncer; 2011.
6. Vieira CP, Lopes MHB, Shimo AKK. Sentimentos e experiências na vida das mulheres com câncer de mama. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2007 June [cited 2010 Nov

Canieles IM, Muniz RM, Meincke SMK et al.

A imagem corporal da mulher mastectomizada que...

- 27];41(2):311-6. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000200020.
7. Santos DB, Vieira EM. Imagem corporal de mulheres com câncer de mama: uma revisão sistemática da literatura. *Cien Saude Colet* [Internet]. 2011 [cited 2010 Nov 27];16(5): 2511-22. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232011000500021&script=sci_arttext.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196, de 10 de outubro de 1996: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 1996.
9. Mailhiot GB. Dinâmica e gênese dos grupos [Internet]. São Paulo: Livraria duas Cidades; 1981 [cited 2013 Jan 27]. Available from: <http://www.webartigos.com/artigos/conceitos-em-pesquisa-cientifica/10409/#ixzz2JCtt3Y38>
10. Bardin L. Análise de conteúdo. 70th ed. São Paulo: Almeida Brasil; 2011. 279p.
11. Tavares JSC, Bomfim LA [trad.]. Estratégias de enfrentamento do câncer de mama: um estudo de caso com famílias de mulheres mastectomizadas. *Cien Saude Colet* [Internet]. 2010 [cited 2013 May 04]. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000700044&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000700044>.
12. Paiva LL, Goellner, SV. Reinventando a vida: um estudo qualitativo sobre os significados culturais atribuídos à reconstrução corporal de amputados mediante a protetização. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2008 Sept [cited 2013 Jan 18];12(26):485-97. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000300003&script=sci_arttext
13. Pereira C, Pinto BK, Muniz RM, Cardoso DH, Wexel WP. O adoecer e sobreviver ao câncer de mama: a vivência da mulher mastectomizada. *R pesq cuid fundam* [Internet]. 2013. Apr/June [cited 2013 July 10];5(2):3837-46. Available from: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/2003/pdf_790
14. Stull VB, Sinyder DC, Demark-Wahnefried W. Lifestyle interventions in cancer survivors: designing programs that meet the needs of this vulnerable and growing population. *Journal of Nutrition*, Philadelphia, 2007; 137(1): 243-8.
15. Farago PM, Ferreira DB, Reis RPJP, Gomes IP, Reis PED. My life before breast cancer: report of emotional stress. *J Nurs UFPE on line* [Internet]. 2010 [cited 2013 Jan 11];4(3):1432-440. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/1010/pdf_143
16. Caetano EA, Gradim CVC, Santos LES. Câncer de mama: reações e enfrentamento ao receber o diagnóstico. *Rev enferm UERJ* [Internet]. 2009 [cited 2009 Dec 10];17(2):257-61. Available from: <http://www.facenf.uerj.br/v17n2/v17n2a21.pdf>
17. Fontes CAS, Alvim NAT. Cuidado humano de enfermagem a cliente com câncer sustentado na prática dialógica da enfermeira. *Rev enferm UERJ*

- [Internet]. 2008 [cited 2010 Jan 20];16(2):193-99. Available from: <http://www.facenf.uerj.br/v16n2/v16n2a09.pdf>
18. Tarouco RL, Muniz RM, Guimaraes SRL, Arrieira IC, Campos N, Burille A. Spirituality and living with cancer in the process of dying. *Rev enferm UFPE on line* [Internet]. 2009 Oct/Dec [cited 2013 June 14];3(4):1021-6. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/114/pdf_969
19. Moura FMJSP, Silva MG, Oliveira SC, Moura LJP. Os sentimentos das mulheres pós-mastectomizadas. *Esc Anna Nery Rev Enferm* [Internet]. 2010 [cited 2010 Jan 10];14(3):477-84. Available from: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127715324007>
20. Santos MCL, Sousa FS, Alves PC, Bonfim IM, Fernandes AFC. Comunicação terapêutica no cuidado pré-operatório de mastectomia. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2010 [cited 2010 Nov 27];63(4):675-8. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000400027&script=sci_arttext.
21. Bertolo BL, Pauli LTS. O papel da enfermagem como cuidadora nas questões das fragilidades da mulher pós- mastectomia. *Boletim da Saúde*, Porto Alegre, 22(1), Jan/June. 2008.
22. Jesus LLC, Lopes RLM. Considerando o câncer de mama e a quimioterapia na vida da mulher. *Rev Enferm UERJ* [Internet]. 2003 [cited 2009 Nov 17];11: 208-11. Available from: <http://www.facenf.uerj.br/v11n2/v11n2a14.pdf>
23. Coelho EJN, Fagundes TF. Imagem corporal de mulheres de diferentes classes econômicas. *Motriz*, Rio Claro. 2007; 13(2): 37-43.
24. Ramos AS, Patrão I. Imagem corporal da mulher com cancro de mama: Impacto na qualidade do relacionamento conjugal e na satisfação sexual. *Anál psicol* [Internet]. 2005 [cited 2009 Nov 20];3(23):295-304. Available from: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S087082312005000300008&script=sci_arttext
25. Amâncio VM, Costa NSS. Mulher mastectomizada e sua imagem corporal. *Rev baiana enferm* [Internet]. 2007 [cited 2010 Jan 20];21(1):41-53. Available from: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/3911/2880>

Submissão: 16/08/2013

Aceito: 23/12/2014

Publicado: 15/01/2015

Correspondência

Inajara Mirapalhete Canieles
Universidade Federal de Pelotas
Campus Porto da UFPel
Faculdade de Enfermagem
Rua Gomes Carneiro, 1
Bairro Centro
CEP 96010-610 – Pelotas (RS), Brasil